

O DESPERTAR DO ENSINO NAS SALAS DE ALFABETIZAÇÃO: RESPONSABILIDADE PEDAGÓGICA DOCENTE, POSSIBILIDADES EDUCATIVAS¹

Renata Cristina de Lacerda Cintra Batista Nascimento ²

RESUMO

Identificar, descrever e analisar a identidade docente e as concepções de professoras alfabetizadoras sobre ensinar em processo de alfabetização é o objetivo deste artigo. O artigo faz parte de uma pesquisa de doutorado desenvolvida no município de Cáceres/MT com dez professoras alfabetizadoras em período de pandemia causada pela Covid-19, onde questionou-se sobre a responsabilidade educativa e a responsabilidade do educador. Investigou-se a partir dos estudos em Docência na perspectiva Pós-Estruturalista, tendo como base em uma pesquisa mais ampla sobre a produção de sentidos como afeto, amor e cuidado na formação inicial docente sob a perspectiva de gênero. O estudo foi aprofundado sobre as responsabilidades assumidas pelas professoras alfabetizadoras consideradas importantes para compreender o ensino na docência, uma vez que a concepção delas está implicada com o modo como ensinam e a maneira como se posicionam diante dos desafios educacionais, principalmente os desafios atravessados pela perspectiva neoliberal e que constituem suas identidades docentes. Com base nos conceitos de identidade e de docência, foi utilizado o arcabouço teórico com os estudiosos, Bauman(2014), Larrossa (2018), Veiga-Neto(2021), entre outros, e por meio de entrevista semi-estruturada foi possível organizar e analisar duas grandes categorias implicadas com os processos de constituição da identidade profissional: (auto)responsabilização docente e responsabilidade docente. Na primeira perspectiva, a professora assume expectativas e compromissos que lhe exigem além daquilo que a docência lhe permite, com inúmeras demandas sociais onde ocorre uma perda de foco. Na segunda, assume a função de pensar, planejar e agir pedagogicamente para construir conhecimentos. Em síntese, os conceitos que as professoras formulam com relação à sua identidade profissional implicam com o modo como ensinam e a maneira como se posicionam diante dos desafios educacionais.

Palavras-chave: Ensino, Professora alfabetizadora, Responsabilidade Pedagógica, Docência, Identidade Docente.

1. INTRODUÇÃO

No livro *Identidade* (2005), Benedetto Vecchi ao entrevistar Zygmunt Bauman, ressalta que devido à globalização, a identidade se tornou um assunto acalorado e faz uma analogia das biografias com um quebra-cabeça de soluções difíceis e mutáveis constituída das mais variadas peças. Vecchi (2005) afirma que o problema não são as peças individuais, mas como elas se encaixam umas nas outras.

¹ Este trabalho é resultado de pesquisa de doutorado desenvolvido pela autora na Universidade do Vale dos Sinos - UNISINOS

² Professora Dra. Efetiva na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – renata.nascimento@unemat.br

Atualmente, como pesquisadora em educação, mais precisamente na área da alfabetização, a qual tenho bastante proximidade, verifico que, dos numerosos fios condutores sobre o ofício de ser professora, muitas das peças do jogo ora encaixam-se, ora desencaixam-se e é assim que acredito que tenha que ser, pois é um jogo em constante embaralho, que não está pronto. Parto da premissa que está e estará em movimento constante, compreendendo que “[...] a tarefa de conhecer é sempre incompleta, sem fim” (LOURO, 2007, p. 238), principalmente em se tratando da constituição da identidade docente que vai sendo fabricada e constituída no percurso da profissão e se transformando no cotidiano do trabalho.

Entendo que a identidade não é algo uno, acabado, apesar de que tenho forte expectativa de que algumas peças nunca fiquem sem encaixe no jogo do ser professor/a, em que “[...] a tarefa de conhecer é sempre incompleta, sem fim. Além de uma boa dose de onipotência, a pretensão ao domínio pode significar, por vezes, satisfazer-se com as respostas [...]” (Guacira LOURO, 2007, p. 238). Este trabalho faz parte do resultado de uma pesquisa de doutorado desenvolvida com dez professoras alfabetizadoras em tempos da Covid-19, que buscou, identificar, descrever e analisar a constituição da identidade profissional docente das professoras alfabetizadoras do município de Cáceres/MT, analisando do ponto de vista não apenas econômico, mas, fundamentalmente, seus efeitos sobre a vida cotidiana.

De acordo com Kathryn Woodward (2014, p. 17), “[...] há uma discussão que sugere que, nas últimas décadas, estão ocorrendo mudanças no campo da identidade.” Entretanto, como as professoras alfabetizadoras vivem em espaços e com pessoas diferentes, acredito que também possuam identidades docentes distintas umas das outras, pois, conforme Woodward (2014, p. 10), “[...] a construção da identidade é tanto simbólica quanto cultural.” E Bauman (2005, p. 38) complementa: “[...] em nosso mundo de ‘individualização’ em excesso, as identidades são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como dizer quando um se transforma no outro.”

Investigar, descrever e analisar as reponsabilidades atribuídas às professoras alfabetizadoras ou que se atribuem e o que pode produzir e/ou produz no modo de exercer a docência e que parece que vão se tornando fatores naturalizados nas subjetividades, marcadas na constituição de suas identidades e que implica nos modos de exercer a docência, foi evidenciado que (auto)responsabilização docente e responsabilidade docente, reverbera no processo de aprendizagem das crianças.

Não se pretende celebrar e/ou demonizar uma ou outra perspectiva de como ocorre a constituição da identidade profissional docente da professora alfabetizadora, ou de julgar os fatos, mas de vislumbrar possibilidades de pensar de outro(s) modo(s), de colocar sob suspeita as “verdades absolutas” e pensar aquilo que ainda não foi pensando. Por isso, a escolha por desenvolver uma pesquisa com base nas perspectivas pós-estruturalistas, pois, segundo Veiga-Neto e Maura Corcini Lopes (2010, p. 148), trata-se de uma perspectiva que rejeita qualquer relação de dominação. Tal postura possibilita olhar para as coisas de uma maneira que até então não se tinha conseguido enxergar.

Verifica-se que a forma da professora se responsabilizar em determinadas situações, ou seja ao se (auto)responsabilizar de forma individualizada, poderá fortalecer a disputa entre as/os colegas de trabalho e poderá naturalizar certas atitudes e poderá não se incomodar com a precarização do ambiente de trabalho, bem como enfraquecer a profissão docente. Esta responsabilização é muito mais ampla e complexa, pois parece que esta responsabilidade pode estar se naturalizando para o exercício da docência.

Porém, quando a professora assume responsabilidades da docência, ou seja, de se dedicar ao preparo das suas aulas, investir na sua qualificação docente fazendo uso dos espaços de formação como direito, entre outros compromissos que são do exercício da profissão, poderá identificar o sentido de exercer a docência.

Desse modo, problematizei e procurei respostas ao problema de pesquisa: de que modos as identidades profissionais de alfabetizadoras são constituídas, a partir de suas experiências pessoais e profissionais? Para tal, identifiquei que os modos de constituição da identidade profissional das professoras alfabetizadoras do município de Cáceres/MT têm sido atravessados por princípios neoliberais e neoconservadores que contribuem para significar a responsabilidade docente na perspectiva da individualização. Fez-se, portanto, uma distinção epistemológica e metodológica importante nesta pesquisa, pois há diferença entre a professora alfabetizadora ser a responsável e se responsabilizar pelo processo pedagógico. Enquanto na primeira perspectiva, ela assume a função de pensar, planejar e agir pedagogicamente para construir conhecimentos, na segunda, a docente encarrega-se de expectativas e compromissos que lhe exigem além daquilo que a docência lhe permite, inflando seu cotidiano com inúmeras demandas sociais complexas num movimento compensatório que acaba tendo como consequência uma perda de foco.

2. Caminhos metodológicos: previsões e imprevistos

Para desenvolver uma pesquisa “[...] é preciso dar o primeiro passo, um passo de cada

vez, gradualmente, apertando e afrouxando o passo, imprimindo um ritmo ao movimento, até que o processo de fazer pesquisa seja incorporado e possamos reproduzi-lo, passo a passo.” (DAL’IGNA, 2014, p. 198). Nesse sentido, um de meus primeiros passos foi o de analisar o meu percurso profissional, em que identifiquei uma aproximação muito intensa com a educação básica, principalmente com as turmas de alfabetização, o que me instigou a desenvolver esta pesquisa. Essa “[...] redescoberta do passado é parte do processo de construção da identidade que está ocorrendo neste exato momento e que, pode ser caracterizado por conflito, contestação e uma possível crise.” (WOODWARD, 2014, p. 12).

As experiências vividas nas escolas da educação básica foram imprescindíveis para que pudesse desenvolver esta pesquisa, pois mediante a aproximação com as escolas, foi possível verificar que há muito a ser discutido a respeito da qualidade da educação pública em nosso país. A cada dia ocorrem novas situações desafiadoras, em especial às professoras alfabetizadoras e, é neste universo que vão constituindo suas identidades docentes. “Neste show da vida, as tramas se inventam e reinventam o tempo todo. É impossível permanecer como está. O ritmo é frenético e somos conclamados à participação a todo momento, tornando-nos protagonistas em diversas esferas.” (Marisa Vorraber COSTA, 2005, p. 211).

Em princípio optou-se por desenvolver uma pesquisa com a metodologia Grupo Focal, mas, em função do enorme impacto social proveniente da covid-19, medidas preventivas foram adotadas: uso de máscara facial, uso constante de álcool em gel nas mãos, higienização de lugares públicos e privados com maior regularidade e distanciamento de um metro e meio entre as pessoas, verificou-se a impossibilidade da utilização da metodologia grupo focal, desse modo, optou-se por trabalhar com a metodologia entrevistas por meio do uso da ferramenta WhatsApp vídeo chamada.

Para José António Moreira e Sara Dias Trindade (2017, p. 55), como dispositivo pedagógico,

[...] o WhatsApp vem ganhando cada vez maior importância nas correntes de pensamento contemporâneo sobre Educação, uma vez que é um aplicativo que está hoje disponível para a maioria dos smartphones existentes no mercado e que permite não só a troca de mensagens escritas, mas, também, a troca de imagens, vídeos, áudios e documentos.

Devido ao desenvolvimento social e econômico da sociedade, a interação humana por meio das tecnologias digitais tem se acentuado cada vez mais, com potencialidades que favorecem a comunicação em todas as áreas, em especial e, principalmente, a educação. Deste

modo, o uso do WhatsApp foi de fundamental importância, pois a impossibilidade do contato físico, devido à pandemia, não impediu o desenvolvimento da pesquisa.

Em relação às entrevistas, por serem carregadas de significados para a professora e com potencial revelador de sentidos, escolhi as narrativas de si para estudar os seus dizeres e por que a narrativa para a pesquisa qualitativa produz a história e revela a realidade do/a narrador/a. “Por meio da narrativa, é possível reconstruir as significações que os sujeitos atribuem ao seu processo, pois falam de si, reinventando o passado, ressignificando o presente e o vivido para narrar a si mesmos.” (Sandra ANDRADE, 2008, p. 175). De acordo com a autora, é necessária uma exploração minuciosa dos textos das narrativas, é isso o que interessa, conhecer o que a professora tem a dizer sobre si enquanto docente e como responsável por seu próprio desenvolvimento profissional.

Entende-se que ao buscar as memórias, a professora alfabetizadora revelaria expectativas e perspectivas sobre o que foi e/ou como deveria ter sido e poderá ser.

Trabalhar com a memória tem sentido na medida em que registro as marcas mobilizadas ao mesmo tempo que as recupero transmutadas em outra coisa que não é mais o acontecimento que as gerou, mas um novo movimento e uma nova configuração para a qual elas contribuem, em suas novas performances. (PEREIRA, 2016, p. 49).

Pereira (2016) afirma que no ínterim dos padrões obsoletos e na instalação de novos padrões aparecem as lacunas, os vazios, e que esses espaços se fazem necessários no sentido da produção de subjetividades. Desse modo, o autor nos provoca a pensar que:

[...] os hábitos não são modificados por mera prescrição advinda do exterior. Trata-se de uma alteração que se produz no diagrama referencial do sujeito, isto é, um novo arranjo de forças traduz-se em uma nova convicção, um novo critério de regulação da existência que vai pressionar pelo abandono de um hábito já sem fundamento e desenvolvimento de um novo hábito. No entanto, há a possibilidade de considerarmos uma mudança de hábito como resultado de prescrição [...]. O que não se espera é que haja um repetido silenciamento ou compensação dos pulsares subjetivos no sentido de, sucessivamente, abrir mão do enfrentamento dos riscos da mudança e acabar recaindo em certo automatismo existencial, com sensível perda de noção do processo de produção de si. (PEREIRA, 2016, p. 78).

Minha pretensão era a de que as professoras alfabetizadoras revelassem pistas de suas trajetórias de formação e atuação profissional por meio das entrevistas. Ao descreverem fatos de suas vidas, elas reconstruiriam seus percursos de aquisição de saberes para serem docentes. De acordo com Pereira (2016, p. 77), “[...] somos constantemente assaltados por acontecimentos interferentes que nos projetam em reconfigurações.

Ao analisar os discursos proferidos pelas participantes, busquei identificar as evidências de constituição de suas identidades profissionais, tendo como foco a alfabetização nos anos iniciais. Desta forma, justifico a opção pela metodologia adotada por levar em consideração a questão em estudo e por esta ser rica em dados descritivos, aberta e flexível, focando a realidade de forma complexa e contextualizada (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Para tal, elegi a pesquisa qualitativa tendo como procedimento metodológico entrevista.

Entendo que um caminho de reflexão sobre a nova forma de organização do trabalho que incentiva a produção e a competitividade é propor uma discussão com as professoras alfabetizadoras. Acredito que isso trará à tona situações, experiências e possíveis caminhos que possibilitem a reflexão referentes ao modo como vêm exercendo a docência e a pensar em melhorar o desenvolvimento das crianças que não conseguem alfabetizar-se nos primeiros anos iniciais, porém de forma coletiva, ética, política e responsável. “Pesquisar em educação significa trabalhar com algo relativo a seres humanos ou com eles mesmos, em seu próprio processo de vida” (GATTI, 2007, p. 12).

Por meio da entrevista, os sujeitos narraram seu processo de desenvolvimento profissional incentivados a reviver seus próprios memoriais que englobam a formação inicial, a entrada na carreira docente, as práticas didático-pedagógicas na escola, o investimento na docência ao buscar por formações continuadas, a escolha pela alfabetização, o entendimento a respeito das políticas públicas do estado de Mato Grosso e a relação família-escola. Compreendi que as entrevistas oportunizaram a interação entre as participantes e a pesquisadora, sendo a discussão focada em assuntos específicos e direcionados e, a partir desse diálogo, foi possível colher dados que possibilitaram a análise do objeto de estudo.

A fim de preservar as identidades das participantes, solicitei que cada uma escolhesse o nome de uma planta para serem nomeadas na pesquisa, pois pelo fato de o estado de Mato Grosso estar situado no Pantanal, é comum as pessoas terem muitas plantas em casas, cuidarem e gostarem muito. Deste modo, as professoras alfabetizadoras foram denominadas de: Cica, Crisântemo, Flor de Lis, Girassol, Hortêncina, Lírio, Mangueira, Margarida, Roseira e Samambaia.

Após inúmeras leituras e reflexões voltadas à temática, senti necessidade de compreender os saberes dos quais as professoras vão se apropriando para o exercício da profissão docente e o olhar que têm sobre suas trajetórias, a partir da formação inicial e continuada, e de suas histórias de vida e profissionais. “Esses saberes são apropriados em suas práticas de ensinar e aprender para ensinar; elas constituem a base para a construção da identidade do trabalhador professor” (TARDIF; RAYMOND, 2000). Após esclarecimentos

no que tange o foco da pesquisa, as professoras alfabetizadoras responderam a perguntas dispostas em três eixos temáticos: (1) identidade profissional docente; (2) políticas públicas; (3) práticas pedagógicas, escola e comunidade.

Assim que observadas as reincidências das palavras nas entrevistas, passei a me aproximar das ferramentas que me possibilitassem as análises. Deste modo, passei a evidenciar para mim o problema da pesquisa, ou seja, o que de fato me instigava a pesquisar: de que modos as identidades profissionais de alfabetizadoras são constituídas, a partir de suas experiências pessoais e profissionais?

Para isso, as entrevistas foram analisadas por meio de uma leitura crítica na perspectiva pós-estruturalista, utilizando três ferramentas de análise: (1) conceito de linguagem na perspectiva pós-estruturalista, imprescindível para sustentar a produção de sentidos, pois “[...] a identidade e a diferença não podem ser compreendidas, pois, fora dos sistemas de significações nos quais adquirem sentido” (SILVA, 2014, p. 78); (2) conceito de identidade, devido à aproximação de que “[...] a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2014, p. 130); (3) conceito de docência, necessário para “[...] criar alternativas pedagógicas a partir de novas formas de interpretar a docência no século XXI.” (DAL’IGNA; SCHERER; SILVA, 2020, p. 5).

Outro ponto de destaque nas análises é o momento em que a professora assume suas responsabilidades pedagógicas de forma individualizada, investe na profissão muitas vezes com recurso próprio, põe em prática o currículo de acordo com a sua própria concepção, e isso marca o seu SER profissional a partir de transformações de suas práticas e modos de se ver na profissão. Isto é, transforma sua identidade docente e promove o desenvolvimento profissional, apesar de parecer não se sentir à vontade para exigir ou propor um trabalho com base no planejamento coletivo.

Ao tratar de responsabilidade docente na perspectiva da individualização, há diferença entre a professora ser responsável e de se responsabilizar pelo processo pedagógico. Enquanto na primeira perspectiva, ela assume seu papel de pensar, produzir e agir de forma planejada a docência, como afirma Charlot (2009), em uma entrevista à revista Nova Escola, ensinar com significado para mobilizar os/as estudantes. Na segunda perspectiva, a professora assume ações que lhe exigirão além daquilo que a docência lhe incumbe, podendo sentir-se sobrecarregada e enfraquecida para pensar a docência de outros modos. Suas ações não serão capazes de atingir um todo e acabará buscando caminhos mais práticos e rápidos, porém sem uma sustentação potente para exercer uma docência de melhor qualidade e, na maioria das vezes, parece se (auto)culpabilizar pelos maus resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando o avanço das políticas neoliberais e neoconservadoras nos tempos contemporâneos, as áreas da assistência, da saúde e da educação foram as que mais tiveram seus caminhos atravessados por essas ideias. Dessa maneira, identifica-se que os modos de exercer a docência das professoras alfabetizadoras merecem nosso esforço de análise, pois em contexto plural da formação docente, a professora é parte do processo que põe em prática o currículo, indo além do domínio de conteúdo, com suas crenças e valores, e na medida em que se envolve com o contexto profissional, vai constituindo uma identidade profissional docente atravessada também pelos discursos oficiais.

Como resultado, percebi que elas se constituem docentes alfabetizadoras na relação com os processos de assumir ou não as responsabilidades éticas, políticas e pedagógicas que atravessam e constituem a identidade delas. As responsabilidades assumidas pelas professoras indicam que podem estar sendo afetadas pelas racionalidades neoliberais e neoconservadoras e que se faz necessário a provocação para pensar de outro(s) modo(s). Prova disso, que em uma das narrativas das professoras alfabetizadora, diz que pinta a sala de aula com recurso próprio, pois, não tem mais paciência para ficar pedindo recursos do governo. Verifica-se:

MARGARIDA: Em relação à parte física, quase todo começo do ano, eu pinto a sala de aula, eu contrato alguém para pintar as paredes, eu organizo a minha sala de aula porque eu fico incomodada de trabalhar em um ambiente onde as paredes estão riscadas, poluídas, então eu trabalho com as cores, coloco uma cor diferente no fundo, e sou criticada por isso, porque dizem que é função do governo, mas eu fico incomodada em trabalhar num ambiente onde tem poluição visual. Prefiro ir lá pintar, trabalhar tranquilo, não tenho mais paciência para ficar pedindo.

Identifico como potente analisar por meio das entrevistas, a constituição da identidade docente das professoras alfabetizadoras, ou seja, o modo como exercem a docência utilizando como base os atravessamentos das responsabilidades que são próprias da profissão, das famílias, da gestão escolar, das políticas públicas e da própria criança. Mas esses elementos precisam fazer parte de seu contexto profissional e serem considerados, pois com “[...] a ampliação e o fortalecimento de políticas neoconservadoras e neoliberais na educação nacional e internacional, necessitamos expandir nosso foco investigativo para compreendermos os desdobramentos de tais políticas nos diferentes contextos educacionais.” (DAL’IGNA; SCHERER; SILVA, 2020, p. 2).

Pierre Dardot e Christian Laval (2015, p. 286), ao fazerem uma análise do neoliberalismo na perspectiva foucaultiana, consideram que as ideias neoliberais, nem sempre estão relacionadas à economia, mas a um modo de governar a conduta dos homens. Nesta

mesma perspectiva, Dal’Igna, Scherer e Silva (2020) afirmam que as análises desenvolvidas por Foucault (2007) permitem-nos compreender o neoliberalismo como uma racionalidade que produz um modo de ver as coisas, uma maneira de entender as relações sociais e os comportamentos dos indivíduos. E é nesta perspectiva que a docência contemporânea tem sido desafiada, pois mesmo que saibamos que a qualidade da educação depende de um conjunto de fatores, nem sempre temos nitidez a respeito das responsabilidades de quem e como assume para que isso ocorra.

Outro relato que merece destaque, é o da professora Cica, quando se refere as Políticas Públicas, vejamos:

CICA: O programa Mais alfabetização, para ajudar na turma da alfabetização, só que daí fica uma profissional atendendo uma turma, auxiliando uma professora do primeiro até o terceiro ano a cada dia, então têm algumas iniciativas que são excelentes, mas que não serão ampliadas, [...] o Estado oferece políticas, mas nós, professoras, precisamos pegar o que é oferecido, porém, precisamos nos empenhar mais para fazer dar certo, porque os investimentos não são completos. Mas, ainda bem que têm investimentos, mesmo que pouco, né?

Com base nas entrevistas, principalmente nos excertos destacados, levanto hipóteses de que as professoras alfabetizadoras identificam as responsabilidades que deveriam ser assumidas por outras instâncias, porém parecem entender que na educação é assim mesmo, pouco acontece e que alguém precisa fazer alguma coisa, e esse alguém parece ser a figura da professora. Na narrativa de Cica, quando afirma que “o Estado oferece políticas, mas nós, professoras, precisamos pegar o que é oferecido, porém, precisamos nos empenhar mais para fazer dar certo, porque os investimentos não são completos”, verifica-se que ela se responsabiliza pelo restante que o Estado não oferece, agindo de forma empresarial para que seu trabalho aconteça, ou seja, faz muito com o pouco que é oferecido. O desejo da professora é atingir seus objetivos e desenvolver-se melhor no trabalho, entretanto, fica condicionada ao que ela mesmo se responsabiliza.

Apresento outros destaques retirados das narrativas das professoras alfabetizadoras a respeito de assumir responsabilidades que vão além das responsabilidades éticas, políticas e pedagógicas da docência.

CICA: Outra questão, professora, eu sou interina, então se eu não der conta do trabalho, vem outra no meu lugar, daí já viu, né?

SAMAMBAIA: [...] às vezes, as políticas públicas, elas focam muito, muito em algo que parece que vai surtir resultado, sei lá, é, é tipo assim, como que eu posso colocar quanto às políticas públicas, parece que é muita teoria e pouca prática. Mas, ainda assim nós temos que fazer acontecer, fazer o nosso trabalho de professor com o que é oferecido, pois nos discursos políticos sempre engrossam a voz e dizem que estão fazendo

e parece que nós, professores, é que estamos fazendo corpo mole, entendeu? Mas, fazer o quê? É o que temos, sabe? Sem contar que não podemos ficar pra trás, né?

Esta responsabilização é muito mais ampla e complexa, pois parece que esta responsabilidade pode estar se naturalizando para o exercício da docência. Isto não significa que a professora não deva se preocupar com o desenvolvimento de seu trabalho, que não seja desejável atuar em ambiente prazeroso, visto que poderia em tese proporcionar um quadro mais propício para o desenvolvimento cognitivo das crianças. Porém, dadas as condições em que a escola se encontra hoje, assumir determinadas responsabilidades, naturalizando o processo, não pode ser considerado como necessário e muito menos como suficiente.

Não se trata de eximir a responsabilidade da professora em determinadas situações, mas é preciso refletir a respeito de quando assumir as responsabilidades de forma individualizada, pois, “É um tempo de disputa de poder entre forças que lutam por se estabelecer como dominantes, não só as forças estabelecidas contra as emergentes: nesse ponto, outras forças adormecidas são acordadas.” (PEREIRA, 2016, p. 77).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tantos desafios enfrentados na educação, não nos cabe mais somente denunciar os maus resultados, mas buscar possíveis estratégias de melhorias para a qualidade da educação, imprescindíveis para o desenvolvimento do país e buscar refletir junto aos/às professoras sua própria formação. Conforme apontam as pesquisas, “[...] a profissão de professor tem se mostrado cada vez menos atraente para as camadas importantes de nossa juventude, tanto pelas condições de ensino dos cursos em si, como pelas condições em que seu exercício se dá.” (GATTI, 2000, p. 5).

Importa sinalizar duas ressalvas importantes para a composição desta pesquisa, a primeira sobre o público para o qual está direcionada, ou seja, as professoras alfabetizadoras. Isto implica uma intensa possibilidade de mobilizar reflexões sobre o campo da alfabetização no município de Cáceres/MT e, conseqüentemente, melhorar o nível do desenvolvimento do processo de alfabetização das crianças dos anos iniciais do ensino fundamental. A segunda ressalva é a respeito da ênfase atribuída à identidade profissional docente das professoras alfabetizadoras que me possibilitou conhecê-las melhor, uma vez que a temática se refere à minha experiência como professora alfabetizadora na educação básica e minhas experiências tanto com a formação de professores/as no ensino superior, como em minhas participações nas formações continuadas nas escolas.

Entendendo que a inserção do/a profissional na escola pode implicar em uma transformação significativa, pois na medida em que as professoras alfabetizadoras começarem de forma consciente a exercitar a responsabilidade docente, como uma punção vital que toca o alarme e convoca o desejo de agir de forma mobilizada, será possível que elas sejam capazes de agir dentro de sua própria realidade e necessidades. Contudo, sem assumir frentes de trabalho de forma individualizada, daí serão capazes de pensar e provocar nos/as demais profissionais outro(s) modo(s) de exercer a docência.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sandra. **Juventudes e processos de escolarização**: uma abordagem cultural. 2008. 256 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/13502>. Acesso em: 23 mar. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira moral**: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Rio de Janeiro, Zahar, 2014.

COSTA, Marisa Vorraber. Velhos temas, novos problemas - a arte de perguntar em tempo pós-modernos. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (Orgs.). **Caminhos investigativos III**: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 199-214.

CHARLOT, Bernard. Bernard Charlot: ensinar com significado para mobilizar os alunos. **Revista Nova Escola**, jun. 2009. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/543/bernard-charlot-ensinar-com-significado-para-mobilizar-os-alunos>. Acesso em: 02 set. 2021.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. Grupo focal na pesquisa em educação: passo a passo teórico-metodológico. In: MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 197-219.

DAL'IGNA, Maria Cláudia; SCHERER, Renata Porcher; SILVA, Miriã Zimmermann da. Trabalho docente, gênero e políticas neoliberais e neoconservadoras: uma leitura crítica da Base Nacional Comum de formação de professores da Educação Básica. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1-21, ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.15336.060>.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 24. ed. Graal, 2007.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Liber, 2007.

GATTI, Bernardete Angelina. **Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-133.

LARROSA, Jorge Bondía. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever. **Educação, Sociedade e Culturas**, n. 25, p. 235-245, jan./jul. 2007. Disponível em: <https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC25/Arquivo.pdf>. Acesso em: 03 set. 2021.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo de Afonso. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor**. Santa Maria: UFSM, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação e Sociedade**, v. 21, n. 73, p. 209-244, dez. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214>. Acesso em: 03 set. 2021.

VEIGA-NETO, Alfredo José da; LOPES, Maura Corcini. Para pensar de outros modos a modernidade pedagógica. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 147-166, 2010. DOI: <https://doi.org/10.20396/etd.v12i1.846>.

VEIGA-NETO, Alfredo José da. É preciso ir aos porões. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 50, p. 267-282, mai./ago. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/tqdG7b3B787cXjdYvSfLhx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 set. 2021.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

